



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

A INTERPRETAÇÃO ENQUANTO EXPLICITAÇÃO DA COMPREENSÃO EM SER E TEMPO DE MARTIN HEIDEGGER¹

Carine de Oliveira².

¹ Pesquisa Parcial integrante da Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Filosofia da Unijuí.

² Egressa do Curso de Filosofia da UNIJUI. Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagem, Justificação e Hermenêutica da UNIJUI (Linha de Pesquisa: Fenomenologia e Hermenêutica). cari.oliv@yahoo.com.br.

Resumo: No presente trabalho, pretendemos investigar a realização da estrutura ontológico-existencial da interpretação no que diz respeito ao seu caráter de explicitação, a partir da análise da obra *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger. O filósofo, em seus escritos, esclarece que o primeiro contato com os entes é sempre de ordem afetiva e compreensiva. No entanto, a possibilidade de que estes entes venham a ser descobertos, como aquilo que eles mesmos são, cumpre-se pela interpretação enquanto explicitação das possibilidades de ser projetadas na compreensão. A interpretação é o próprio compreender desenvolvendo-se enquanto se apropria das possibilidades projetadas. A concreção dessa apropriação ocorre na medida em que a interpretação move-se na estrutura prévia (*Vorstruktur*), constitutiva da compreensão, explicitando-a. A partir da exposição do movimento explicitativo da interpretação, estrutura-se a noção de sentido, enquanto perspectiva em que algo é compreendido como algo qualificado.

Palavras-Chave: Estrutura prévia do compreender; Estrutura-como; Sentido; Circularidade.

Introdução

No § 32 de *Ser e Tempo*, Martin Heidegger tematiza a respeito da noção de interpretação (*Auslegung*). Tal interpretação, a que o autor se refere, não corresponde à interpretação filológica, histórica, textual. Antes, diz respeito a uma possibilidade ontológico-existencial constitutiva do existente humano (*Dasein*) e fundamento de todos os demais modos de interpretação. A interpretação, de que falamos, caracteriza-se por ser explicitação das pré-compreensões que já sempre dispomos – fato incontornável e insuperável do qual temos sempre que partir. Entretanto, através da função explicitativa da interpretação, as pré-compreensões tornam-se mais elaboradas, na medida em que se realça algo desde a base significativa a que todo compreender se acha remetido. O movimento compreensivo, em seu caráter interpretativo, consiste, portanto, em explicitar de forma elaborada aquilo que, de algum modo, já sabíamos.

A explicitação interpretativa diz respeito à dinâmica de possibilitação da manifestação ôntica, ou seja, de que o ente venha ser percebido como algo, com uma identidade determinada. Na projeção compreensiva, os entes são abertos em suas possibilidades. A interpretação explicita, justamente, as possibilidades destes entes em sua estrutura como. Isto é, dá conta de explicitar o modo como os





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

percebemos (mesa como mesa, árvore como árvore, etc.). Explicitar o ente interpretativamente supõe que o existente humano já tenha um saber prévio, uma pré-compreensão da totalidade de relações conjunturais constitutivas do mundo. Heidegger explica o desenvolvimento explicitativo desta pré-compreensão, vaga e limitada do mundo como significância, através do movimento da interpretação pela posição, visão e concepção prévias, que numa unidade intrínseca, constituem a estrutura prévia de todo compreender (Vorstruktur).

Além de ser condição de que os entes venham a ser manifestos como aquilo que são, a interpretação, enquanto explicitação elaborativa da compreensão, possibilita ao existente humano a transparência das referências significativas constitutivas de si próprio e de seu mundo. Toda interpretação de algo como algo implica a explicitação de algum caráter do Dasein em sua relação com o mundo, isto é “um aspecto do conjunto relacional no qual se move e no qual consiste seu existir (GUTIÉRREZ, 2002, p. 156)”. Nesse sentido, no presente trabalho, pretendemos analisar e caracterizar expositivamente a realização do processo explicitativo constitutivo de toda interpretação, através da posição prévia, visão prévia e concepção prévia, constitutivas da estrutura prévia do compreender.

Metodologia

Como procedimento metodológico, propomos a realização de um trabalho de pesquisa bibliográfica que destaca argumentos de Martin Heidegger e comentadores a respeito do caráter explicitativo de toda interpretação. Trata-se, desse modo, de uma análise textual, interpretativa e expositiva do tema investigado e que, de certo modo, segue a própria investigação fenomenológica hermenêutica realizada por Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*, para abordar as estruturas existenciais constitutivas do existente humano, entre estas a interpretação (Auslegung).

Resultados e discussão

Para Martin Heidegger, o existente humano (Dasein) vive situações num determinado âmbito de possibilidades. O Dasein, como um ser-possível, existe sempre optando por possibilidades, sem, no entanto, conseguir esgotá-las por completo. Esse ser-possível torna-se claro para o ente humano de diversos modos, pois pelo fato dele já ser sempre lançado num mundo histórico-cultural, está imerso em certas possibilidades que surgem da estrutura projetiva constitutiva da existência compreensiva. Ou seja, é no projeto (Entwurf) que o Dasein assume as possibilidades existenciais. O “projeto lança, previamente, para si mesmo a possibilidade como possibilidade e, assim, a deixa ser (HEIDEGGER, 2008, p. 206)”.

Ao ocupar-se com algum ente, o Dasein manifesta-se como o em virtude de determinada possibilidade existencial. A abertura realizada pela compreensão é condição de possibilidade para que os entes intramundanos possam ser determinados como instrumentos manuais e, desse modo, ocorra a ocupação. Essa possibilidade de determinação ocorre na medida em que o Dasein se remete ao contexto de referências que constituem a ocupação, visto ser ele o para-quê último e derradeiro em virtude do qual estão voltadas todas as referências. “No compreender desse em virtude de, abre-se conjuntamente a significância nele fundada (HEIDEGGER, 2008, p. 203)”.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

Conforme o autor explicita em *Ser e Tempo*, a ocupação com os entes é, inicialmente, possibilitada pela significância aberta pela compreensão. Diante disso, evidencia-se que a manifestação ôntica tem como condição de possibilidade a compreensão prévia da totalidade de relações conjunturais que constituem o mundo. Para compreender algo como aquilo que é, faz-se necessário que o mundo como significância já tenha sido pré-compreendido. Porém, esse algo previamente compreendido necessita ser explicitado. O desenvolvimento explicitativo de toda e qualquer pré-compreensão cumpre-se, justamente, pela interpretação. “Na [interpretação] algo destaca desde o fundo da significância a qual o compreender remete, o que implica que se precisa um saber virtual da totalidade de referências para que este destacar seja possível” (BAY, 1998, p 172).

Interpretar, portanto, não permite que se abra mão da contextura significativa através da qual algo se torna acessível. Todo ver compreensivo interpretativo descobre o ente naquilo que ele é, como ele é, antes de qualquer exposição enunciativa, pois traz em si as relações referenciais constitutivas da totalidade conjuntural já explicitada. Na circunvisão da ocupação cotidiana, o ente manual é interpretado em seu ser-para. Se sabemos para-quê serve o ente, ou seja, suas possibilidades de uso, então, ocorre a ocupação. A estrutura do que é explicitamente compreendido, na circunvisão ocupada, em seu para-quê, Heidegger afirma constituir-se pela estrutura de algo como algo. A interpretação diz para-quê é determinado ente manual, permitindo que ele seja compreendido como algo. Assim, ao ver as coisas como isto ou como aquilo, já estamos sempre num processo explicitativo da compreensão. Em outros termos, isso quer dizer que toda a interpretação circunvisiva cotidiana move-se explicitando a compreensão na estrutura prévia (Vorstruktur) constituída pela posição prévia (Vorhabe), visão prévia (Vorsicht) e concepção prévia (Vorgriff).

A interpretação explicitativa da compreensão move-se numa totalidade conjuntural já compreendida. Ou seja, move-se com base no mundo aberto como totalidade significativa conformada, horizonte que corresponde à posição prévia, a partir do qual o Dasein se projeta. Na visão prévia, ocorre a fixação da perspectiva em que se dará a interpretação, isto é, ocorre um recorte, a partir da posição prévia, que direciona a interpretação do compreendido, permitindo que as possibilidades sejam visualizadas como possibilidades. Enquanto a posição prévia diz respeito a uma totalidade conjuntural, a partir da qual ocorre a interpretação do ente, a visão prévia corresponde a uma determinada perspectiva em que a possibilidade de interpretação de tal ente ocorrerá. A concepção prévia, por sua vez, é a organização, a partir da posição e visão prévias, do compreender, permitindo que esse ao ser interpretado torne-se conceito e mostre-se como algo. Os conceitos são necessários, pois são eles que asseguram algo sobre o ente. A concepção prévia, portanto, explicita a estrutura como de todo ente.

Interpretamos, portanto, a todo o momento apoiados em pressupostos. Abrirmos mão da pré-compreensão que já sempre temos do mundo e dos significados é nossa impossibilidade. “A interpretação nunca é apreensão de um dado preliminar, isenta de pressuposições” (HEIDEGGER, 2008, p. 2011). Mesmo a interpretação textual, cujo fundamento é a interpretação ontológico-existencial, nunca é destituída de pressuposições, pois já sempre se move em posições prévias. Um intérprete, ao analisar um texto, considera-o como um determinado tipo de texto (um texto épico, por exemplo). Suas abordagens dirigem-se a este específico tipo de texto. O encontro com a obra em questão ocorre num tempo e espaço determinados que não são estranhos às próprias



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

experiências e interesses desse intérprete. Além disso, certas razões o motivaram a questionar este texto e não outro texto qualquer. Tais razões justificam o fato de que sua análise não partiu de um ponto zero. “A compreensão e a possibilidade interpretativa dela decorrente envolvem muito mais um movimento incessante de checagem de nossos pressupostos iniciais. (CASANOVA, 2007, p. 7)”.

Através da análise até aqui realizada, é possível verificar que a lógica inerente ao processo compreensivo-interpretativo – em seu movimento pela Vorstruktur – é dotada de um caráter circular. Entretanto, compreender e interpretar, por movimentarem-se numa estrutura circular, não se caracterizam como modos problemáticos ou menos rigorosos de conhecer. É o adequado adentrar no círculo do compreender, segundo o filósofo, o que nos assegura que o conhecimento resultante dele não é um conhecimento qualquer ou sem critérios de rigor. A possibilidade de rigor do conhecimento, resultante do círculo da compreensão, concretiza-se na medida em que a interpretação, ao percorrer a Vorstruktur, assegure “o tema científico a partir das coisas elas mesmas” (HEIDEGGER, 2008, p. 215), não se deixando guiar por conceitos só aparentemente verificados. Há de se compreender, entretanto, que a circularidade é indício da finitude do conhecimento, pois o Dasein já interpreta sempre a partir do mundo. Este, uma vez que pertence ao modo de ser do ente humano, é sempre uma totalidade finita e situado historicamente.

Conclusões

A partir do esquema formal utilizado, por Heidegger, para a exposição do movimento explicitativo da interpretação, estrutura-se a noção de sentido. Tal esquema formal conduz ao mostrar-se do ente, pois através do movimento da interpretação pela estrutura prévia do compreender “algo se torna compreensível como algo” (HEIDEGGER, 2008, p. 212). Interpretar é, portanto, explicitar a estrutura como (Als Struktur), o sentido enquanto perspectiva em que algo é compreendido como algo determinado. Assim sendo, a estrutura prévia do compreender (Vorstruktur) e a estrutura como (Als Struktur) da interpretação, conforme indicações do autor, parecem representar um fenômeno unitário. Na exposição da primeira, em posição prévia, visão prévia e concepção prévia, destaca-se, ao mesmo tempo, a aprioridade da estrutura como no que diz respeito à constituição da compreensão. Do como hermenêutico, tem origem a projeção de sentido enquanto uma espécie de justificação da compreensão do ser, dado inevitável do qual o existente humano tem que sempre partir.

Referências bibliográficas

- BAY, Tatiana Aguilar-Álvarez. El lenguaje en el primer Heidegger. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- CASANOVA, Marco Antônio. Apresentação. In: FIGAL, Günter. Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GUTIÉRREZ, Carlos. Del círculo al diálogo: el comprender de Heidegger a Gadamer. In: SOUZA, Ricardo Timm de; OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. (org.). Fenomenologia hoje II: significados e linguagem. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.



SALÃO DO CONHECIMENTO 2012

XX Seminário de Iniciação Científica II Mostra de Iniciação Científica Júnior
XVII Jornada de Pesquisa II Seminário de Inovação e Tecnologia
XIII Jornada de Extensão



Agência
CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPERGS

Departamento
VRPGPE
Vice-Reitoria de Pós-Graduação,
Pesquisa e Extensão



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XX Seminário de Iniciação Científica